

1. O comentário foi «eu qualificaria metade dos apoiantes de Trump como um cesto de gente deplorável». A pilhéria, proferida numa reunião LGBT em Nova Iorque, a 6 de Setembro de 2016, suscitou ampla gargalhada dos presentes. Clinton explicou: «são racistas, sexistas, homofóbicos, xenofóbicos, islamofóbicos». 24 horas depois, Hillary pediu desculpa por dizer que essas «vozes de ódio, amplificadas por Trump», representavam metade do eleitorado adversário. Mas esta desqualificação do trumpismo, e desprezo pelos «ignorantes e incorrigíveis», pode ter-lhe custado a eleição. Clinton reconheceu-o, aliás, na sua obra de explicação e choque pela derrota. Cf. *What Happened*, Simon and Schuster, Setembro de 2017.
2. A atribulada vida de Lynch é descrita na autobiografia «hermética» *Room To Dream*, Canongate Books, Junho de 2018.
3. Há milhares de páginas sobre o «populismo» de Trump, publicadas nos últimos quatro anos, em todos os países. Cf. A. Denker, *Red State Christians*, Fortress Press 2019, B. Haddad, *Le Paradis Perdu*, Grasset Ed., 2019, Holden, Messitte, Podair, *Republican Populist*, Univ. of Virginia Press, 2019, A. Martinelli, ed., *Beyond Trump: Populism on the Rise*, Ed. Epoké, 2017, B. O'Reilly, *The United States of Trump*, Henry Holt & Co. Ed., 2019, B. Kane, *Pitchfork Populism*, Prometheus Books 2019, S. Parker, *Necessary Noise*, Hachette UK, 2019, N. Rogeiro, *O Pacto Donald*, D. Quixote 2017, J. Sides et al., *Identity Crisis*, Princeton University Press, 2019, K. Weyland et al., eds., *When Democracy Trumps Populism*, Cambridge Univ. Press 2019.
4. Alexis de Tocqueville foi o maior observador europeu da experiência constitucional, penal, social, económica, cultural e política dos EUA. Escreveu, em 1835, o célebre *Da Democracia na América*, que continua a ser um livro de cabeceira para analistas e estudiosos.
5. Uma boa comparação científica entre esta presidência e outras está em M. Nelson, *The President and the Political System*, CQ Press 2018, especialmente Cap.10.
6. O EIU produziu esta classificação dos EUA em 2017 e 2018, baseada numa análise do que o *think tank* considera serem «60 questões essenciais para a definição democrática». Para os britânicos, Itália, Bostwana, Chile, Coreia do Sul e México eram outros exemplos de «democracias deficitárias». E para o mesmo grupo, só existiam 19 democracias «plenas», incluindo Islândia, Finlândia, Nova Zelândia, Espanha, Reino Unido, Alemanha, Noruega, Irlanda e Uruguai. Cf. <https://www.eiu.com/topic/democracy-index>.
7. Cf. a opinião crítica, com uma tentativa de ensaio histórico (desde 1933), de J. Nye, *Do Morals Matter?*, Oxford University Press 2020.
8. Um exemplo deste estado de espírito é B. Levine/M. El Faizy, *All the President's Women*, Hachette UK 2019.

9. Talvez seja pouco conhecido, mas Trump é um dos presidentes com uma maior história de processos em tribunal, como acusado e como acusador, desde os anos 70. Falamos de alguns milhares, embora de importância muito desigual. Cf. J. Zirin, *Plaintiff in Chief*, St. Martins Publishing Group 2019.

10. Cf. a relação de Trump com a religião, e com o voto evangélico, no meu *O Pacto Donald*, *ibid*.

11. O mais conhecido (de criação e produção sua) foi *The Apprentice*, que esteve no ar entre 2003 e 2015, e inspirou uma série de programas baseados na ideia de seleccionar negócios e empresários com potencial de sucesso, com base em regras mais ou menos «objectivas». Trump «formou» nessa escola muitas pessoas conhecidas no espectáculo e mundo mediático, incluindo o apresentador britânico Piers Morgan.

12. Cf. G. Blair, *The Trumps*, Simon & Schuster, 2000. Trata-se da biografia essencial da família. Explica os rumores da riqueza de Friedrich, que começou barbeiro: prospecção de ouro no Yukon (Canadá), venda de álcool, montagem de restaurantes, salões de jogos e prostíbulos «informalmente licenciados» em Monte Cristo (Washington), Seattle, no vizinho planalto de Pine Lake, cidade de Sammamish, e nas cidadezinhas canadianas de Bennett e White Horse.

13. Ivanka Trump devia ter visitado o Porto em 2017, numa visita de cortesia (planeada no Verão desse ano) à Santa Casa da Misericórdia da cidade, e para presidir a uma obra social a favor do emprego de mães solteiras. Acabou por adiar a vinda *sine die*. Convidado por Marcelo Rebelo de Sousa, Donald Trump tinha previsto uma visita oficial de três dias a Lisboa, com a mulher e família, em 22 de Agosto de 2019. Trazia na mala a reafirmação da aliança atlântica e do valor estratégico do comando operacional da Aliança em Oeiras (*Strikfornato*), uma carteira de investimentos, avisos sobre a rede 5G da Huawei e histórias e histórias com Catarina e Queens, e os seus contactos com a comunidade portuguesa nos EUA. Duas equipas avançadas do Serviço Secreto (o departamento de protecção de VIPs, na dependência da Secretaria do Tesouro) chegaram a Lisboa em Julho, e escolheram três hotéis para a estada de centenas de membros da comitiva: D. Pedro, nas Amoreiras, Ritz Four Seasons e Intercontinental (ex-Meridien). Uma série de imprevistos, incluindo o agravamento das tensões com o Irão, levaram ao cancelamento, ainda durante o mês de Julho.

14. Sauter/Suneson, «The Net Worth of American Presidents: from Washington to Trump», em *24/7 Wall Street*, 26 de Fevereiro de 2019.

15. Debate presidencial republicano organizado pela Fox News e moderado por Chris Wallace, Agosto de 2015, acessível em <https://youtu.be/fNORDy7M2k4>. Aí Trump diz claramente: «usei as leis do país por quatro vezes, tal como outros que têm vergonha de o dizer». Mas a verdade é que os hotéis e casinos do grupo Trump entraram em falência por seis vezes, sobretudo por causa do colapso económico da zona de jogo de Atlantic City (Nova Jérсия): em 1991, três em 1992, em 2004 e 2009. Cf. W. Barrett, *Trump: The Greatest Show on Earth*, Simon and Schuster 2016, O'Donnell/Rutherford, *Trumped!*, Crossroad Press 2016, S. Payment, *Donald Trump: Profile of a Real Estate Tycoon*, Readhowyouwant.com, 2008, G. Ross, *Trump Strategies for Real Estate*, John Wiley and Sons, 2015, J. Satow, *The Plaza*, Grand Central Pub., 2020, Seitel/Doorley, *Rethinking Reputation*, St. Martin's Pub. 2012 Group (v.g., p. 152 e segs.). A visão de Trump acerca da sua sobrevivência, ainda antes dos desastres do novo milénio, está em Trump/Bohner, *Trump: The Art of the Comeback*, Times Books 1997.

16. Depoimentos obtidos de representantes diplomáticos (não necessariamente embaixadores) em Lisboa, Paris, Berlim, Londres, Ottawa, Moscovo, Roma, Madrid, Luanda, Tóquio e Brasília.

17. Descrevi as razões, incidentes e implicações políticas, jurídico-constitucionais e históricas deste voto em N. Rogeiro, *op. cit.*

18. O brilhante estrategista eleitoral de Obama, David Plouffe, disse-me que foi muito mais difícil vencer Clinton nas primárias do que o republicano John McCain nas nacionais.

19. C. Wright Mills escreveu, em 1956, o clássico sobre quem dirige a América: *The Power Elite*. A obra-prima foi reeditada muitas vezes. Aconselho a publicação de 2000, pela Oxford University Press, com posfácio de Alan Wolfe.

20. Barber, *The Pulse of Politics*, 1980, reedição de 1992, Transaction Publishers, com uma nova introdução do autor, um original e influente politólogo da Universidade de Duke, que viria a falecer em 2004.

21. A «disrupção» existencial foi salientada por muitos. Cf. Koch/Nanz/Rogers, org., *The Great Disruptor*, Springer Verlag 2019, ainda à espera de tradução não-alemã quando se escrevem estas linhas. E ainda T. Alberta, *American Carnage*, Harper Collins 2019, Ott/ Dickinson, *The Twitter Presidency*, Routledge 2019, D. West, *Divided Politics, Divided Nation*, Brookings Institution Press 2019.

22. Cf., a este respeito, o magnífico, completo, perspicaz, irónico mas objectivo *The Ordinary Presidency of Donald J. Trump*, de Herbert Mcrisken e Wroe, Springer Ed. 2019.

23. Conversa em Dezembro de 2018. Tinha conhecido o meu interlocutor há mais de duas décadas, numa conferência da NATO.

24. Num sentido semelhante, cf. A. Herman, «President Trump's Decision Making Style», in *Hudson Institute*, 17 de Junho de 2019, acessível em <https://www.hudson.org/research/15109-president-trump-s-decision-making-style>.

25. Janeiro de 2020. Uma crítica feroz recente do «estilo Trump» é Rucker/Leonnig, *A Very Stable Genius*, Penguin Press 2020.

26. Uma boa obra recente sobre o assunto é Hennessey/Wittes, *Unmaking the Presidency*, Farrar, Straus and Giroux, 2020.

27. Bulgária, Estónia, Eslováquia, Letónia, Lituânia, Hungria, Polónia, Rep. Checa, Roménia. A Albânia, que tinha sido parte do Pacto até 1961, também acabou por aderir à Aliança Atlântica. Quanto aos integrantes da antiga Jugoslávia, parte entrou igualmente para a NATO, até 2017: Eslovénia, Croácia e Montenegro. As novas forças de defesa e segurança do independente Kosovo tinham treino dos militares ocidentais. E mesmo partes da ex-URSS, como o Azerbaijão, a Geórgia, a Ucrânia e a Moldova, treinavam regularmente com a Aliança Atlântica, havendo processos em curso para a sua entrada.

28. Lisboa, 3 de Maio de 2014. Parte da conversa está acessível em <https://sicnoticias.pt/programas/sociedadedasnacoes/2014-05-04-sociedade-das-nacoes-03-05-2014-clima-de-tensao-aumentada-na-ucrania>.

29. O filho de Joe Biden, Hunter, tinha sido contratado para uma empresa de recursos naturais da Ucrânia, a Burisma, ao mesmo tempo que o pai (então vice-presidente) era o enviado especial de Obama para o país. Os críticos achavam que isso era um óbvio conflito de interesses. Por outro lado, Biden revelou que tinha suspenso uma importante ajuda financeira à Ucrânia, dinheiro que só seria desbloqueado se Poroshenko se livrasse do seu procurador-geral. Biden diz que o fez para lutar contra a corrupção, tal como outros credores de Kyiv, como as instituições de Bretton

Woods. Mas o mesmo procurador veio a dizer, num processo julgado na Áustria, que ele é que era a barreira à corrupção, e que foi afastado por se preparar para investigar Hunter Biden e os negócios da Burisma.

30. Levine/Faizy, *op. cit.*

31. L, Washington DC e N. Iorque, Outubro de 2019 e Janeiro de 2020

32. Em que Tillerson e Trump fizeram referências, mais ou menos indirectas, sobre o QI um do outro.

33. Algumas fontes em torno do presidente, e o nosso informador L, dizem que Perry é que aconselhou Trump ao famoso telefonema com Zelensky. L diz que, até aí, «a Ucrânia era uma matéria que entediava Donald Trump, e pela qual ele se interessava muito pouco, para além de partes e resmugos».

34. Bharara, Yates, Comey, Tillerson, McCabe, Bolton.

35. JvDR, ainda no activo, vindo dos meios da segurança nacional e das Humanidades. Londres, Dezembro de 2019.

36. Sobre as posições opostas neste campo sensível, cf. Bongino, McAllister, Palumbo, *Spygate*, Post Hill Press 2018, J. Clapper, *Facts and Fears*, Penguin 2018, J. Corsi, *Killing the Deep State*, Humanix Books 2018, M. Hayden, *The Assault on Intelligence*, Penguin 2018, G. Miller, *The Apprentice*, Harper Collins 2018, J. Stewart, *Deep State*, Penguin 2019, Pelo menos uma obra de ficção foi escrita sobre o assunto, de qualidade discutível. É *Kidnap Trump*, de David Cunliffe, publicada pela Grosvenor House, em 2019, que aparentemente procurava um produtor cinematográfico que lhe adquirisse os direitos.

134

37. Vários órgãos de informação e ONGs de direitos humanos tiveram de publicar desculpas públicas, depois de se descobrir que o esconderijo da Tailândia onde o «pequeno jiadista» Abu Zubaydah terá sido torturado, em 2002, não era dirigido por Haspel. Cf. Chappel/Sullivan, «ProPublica Corrects Its Story On Trump's CIA Nominee Gina Haspel And Waterboarding», in *National Public Radio, The Two Way*, 16 de Março de 2018. O Senado acabou por confirmar Haspel, 54-45, num processo relativamente rápido, em Maio de 2018.

38. Alguns observadores acham estranha tal cordialidade, dado que nesse mês já se conhecia a acusação democrata de envolvimento presidencial com a Ucrânia, aliás muito zurzida pelo mesmo Romney. No almoço, o senador tentou obter o apoio de Trump para uma campanha contra os vaporizadores perfumados. O primeiro encontro de apaziguamento de Romney e Trump tinha sido também em Novembro, mas do já longínquo 2017. Teve lugar no restaurante do cozinheiro francês Jean-Georges Vongerichten (da Alsácia), no Trump Hotel em Nova Iorque, no n.º 1 de Central Park West. No meio do 2 estrelas Michelin, num jantar de coxas de rã e vieiras, apareceu um grupo de repórteres, próximos da mesa onde estavam Trump, Romney e o então chefe de gabinete da Casa Branca, Reince Priebus. Jim Acosta, da CNN, que se tornou numa espécie de *bête noire* de Trump, enviava *tweets* frenéticos sobre o que via. Trump chegou a sondar Romney, nesse repasto, sobre a possibilidade de vir a ser o seu secretário de Estado, mas teve uma rejeição «ambígua e bem-educada».

39. Lou Dobbs, em *Lou Dobbs Tonight*, Fox News, 5 de Fevereiro de 2020.

40. Quando Pelosi, no reflexo das eleições de 2018, se tornou presidente da Câmara dos Representantes, insistiu sempre em que o *impeachment* era um «risco que não valia a pena correr».

41. Ao abrigo do Título 18 (Lei Penal) do US Code, parágrafo (artigo) 2071.
42. Quando Romney votou a favor de um dos artigos da acusação contra Trump, não declarou imediatamente que saía do Partido Republicano, mas diversos militantes e dirigentes pediram a sua expulsão.
43. Cf., das próprias, sob a designação Feminist Squad, *Squad Goals Journal*, Amazon Digital Services LLC, 2019.
44. Todos os números estão, por exemplo, em *Ballotpedia*, «Endorsements by Donald Trump, 2017-2020», acessível em https://ballotpedia.org/Endorsements_by_Donald_Trump.
45. Cf. T. Edsall, «Trump is winning the online war», em *The New York Times*, 16 de Outubro de 2016.
46. Cf. F. Lee, *Insecure Majorities*, Univ. of Chicago Press 2016.
47. A visão trumpiana sobre o mundo estava, por exemplo, na sua já velha obra *Time to Get Tough*, Routledge 2011. Cf. ainda, sobre as «tendências» dessa mundividência, os fundamentais G. Hastedt, *American Foreign Policy*, Rowman & Littlefield 2020, Jervis e.a., eds., *Chaos in the Liberal Order*, Columbia Univ. Press 2018. E ainda D. Toma, *America First: Understanding the Trump Doctrine*, Simon & Schuster 2018.
48. Sobre a política externa de Trump, cf. ainda R. Blackwill, *Trump's Foreign Policies Are Better Than They Seem*, Council on Foreign Relations 2019, H. Brands, *American Grand Strategy in the Age of Trump*, Brookings Inst. Press 2018, Glaser/Preble/Thrall, *Fuel to the Fire*, Cato Institute 2019, Mansbach/McCormick, *Foreign Policy Issues for America: The Trump Years*, Routledge 2019, Steven/Queen, *The Trump Phenomenon And The Future Of Us Foreign Policy*, World Scientific 2016.
49. RealClearPolitics, *President Trump Job Approval – Foreign Policy*, acessível em https://www.realclearpolitics.com/epolls/other/president_trump_job_approval_foreign_policy-6183.html.
50. O INR é o Bureau of Intelligence and Research, o serviço de informações privativo do Dept. de Estado, tão bom como a CIA, em muitos aspectos, mas obviamente sem componente paramilitar.
51. O próprio MNE iraniano, o «moderado» Javad Zarif, publicou um *tweet*, no dia 24 de Junho de 2019, às 6h23 da tarde, onde referia que esses «belicistas» eram o chamado «Team B», constituído por vários «Bs»: John Bolton, entretanto despedido de Conselheiro de Segurança de Trump, o príncipe herdeiro saudita Bin Salman, o dirigente dos Emirados Bin Zayed e o PM israelita Benjamin Netanyahu. E o poderoso chefe do comité de defesa do parlamento iraniano, o impronunciável conservador Heshmatollah Fallahatpishah, dizia que Washington e Teerão não querem guerra, mas há uma «terceira força» que a deseja.
52. Essencialmente com elementos copiados ou usados dos mísseis americanos *Standard* e *Hawk*, e dos russos *Gainful* e *Buk*, que Teerão havia tido (no tempo do Xá) e tinha ainda nos seus arsenais. O Irão tinha desenvolvidos baterias com 12 lançadores, em torno do radar multielementos *Bashir*, que também se basearia em tecnologia importada discretamente. Os especialistas americanos que contactei consideravam o *Bashir* a grande ameaça à força aérea dos EUA.
53. Todos estes elementos estão num estudo detalhado de 2019. Cf. N. Rogeiro, *A Nova Tensão no Golfo Pérsico, no Estreito de Ormuz e no Golfo de Omã: Bastidores e Perspectivas*, Ed. do CEM-GFA, 19 de Junho de 2019.

54. Um operacional da CIA contava a uma fonte credível que a agência determinara que Khomeini tinha um problema de saúde grave, e que o seu médico estava presente em várias cerimónias onde antes nunca se via «com uma mala especial e um invólucro cujo uso não conseguimos ainda determinar» (*sic*). A mesma CIA e outras instituições semelhantes, na Europa e no Médio Oriente, achavam que o Guia da Revolução estava já a preparar «o povo e as instituições» para a sua sucessão.

55. Uma análise fortemente crítica do «modelo Trump» aplicado à política externa está em H. Gardner, *World War Trump*, Prometheus Books 2018. Outra obra, muito recente, que li ainda antes da publicação comercial, argumenta que Trump assume a continuidade de uma política externa que vive mais do militares do que dos diplomatas. Cf. R. Farrow, *War on Peace*, Harper Collins 2020.

56. C., Londres, Outono de 2019.

57. A fonte é americana, e refere-se apenas a alvos principais: por exemplo, um ataque contra o aeroporto de Damasco, mas subataques contra 5 objectivos dentro deste. Os números israelitas são diferentes: 202 ataques e lançamento de 800 mísseis só entre Janeiro de 2017 e Setembro de 2018.

58. 17 Setembro de 2018: um *Ilyushin IL-20* de informações electrónicas (ELINT) da Força Aérea russa foi destruído pela defesa aérea do regime de Damasco, tendo morrido os 15 ocupantes. Os sírios terão confundido o aparelho com caças israelitas que tinham atacado as suas posições, e culparam Jerusalém pelo acontecido. Israel enviou uma alta delegação a Moscovo, três dias depois, comandada pelo chefe da Força Aérea, general Amikam Norkin. Segundo uma fonte presente, os israelitas quiseram provar que era impossível a confusão alegada por Damasco, dado que quando o ataque ao avião russo se deu, todos os caças judaicos já tinham regressado à base. A partir daí reforçaram-se as medidas de partilha de informação operacional entre Israel e a Rússia. No fim de Dezembro de 2018, uma outra delegação israelita foi a Moscovo, chefiada pela responsável das operações militares da IDF (Força de Defesa), Brig. Aharon Haliwa. As duas partes assinaram um novo protocolo de troca permanente de informações classificadas. Teerão, claro, não gostou.

59. Sobre o papel do Irão, dos EUA e da Rússia no conflito sírio, cf. S. Abboud, *Syria*, John Wiley & Sons 2018, E. Eilam, *Containment in the Middle East*, Univ. of Nebraska Press 2019, G. Hetou, *The Syrian Conflict*, Taylor & Francis Ed., 2018, R. Hinnebusch/A. Saouli, *The War for Syria*, Routledge 2019, T. Ripley, *Operation Aleppo*, Telic-Herrick Pub., 2018.

60. V. Doha, Qatar, Maio de 2019. Sobre os encontros por interpostas pessoas, entre Irão e Arábia Saudita na Síria, M. Darwich, *Threats and Alliances in the Middle East*, Cambridge Univ. Press 2019, cf. D. Hiro, *Cold War in the Islamic World*, Oxford Univ. Press 2019, C. Phillips, *The Battle for Syria*, Yale Univ. Press 2016.

61. O chamado «Relatório Duelfer», onde se repete a razão de intervenção americana, entre outros pontos a asserção ridícula de que Saddam «julgava que tinha armas de destruição maciça», é, institucionalmente, o *Iraq Survey Group, Comprehensive Report of the Special Advisor to the DCI on Iraq's WMD*, 30 de Setembro de 2004, 3 vols. Sobre mais desculpas e críticas acérrimas, cf. J. Baker III, L. Hamilton, dir., *The Iraq Study Group Report*, N. Iorque 2006R. Betts, *Enemies of Intelligence*, N. Iorque 2007, R. Russell, *Sharpening Strategic Intelligence: Why the CIA Gets it Wrong and What Needs to be Done to Get it Right*, N. Iorque 2007, G. Tenet, Bill Harlow, *At the Center of the Storm: My Years at the CIA*, N. Iorque 2007.

62. O cenário foi explicado com detalhe, pela primeira vez, em N. Rogeiro, *O Mistério das Bandeiras Negras*, Ed. Verbo 2015. Cf. ainda J. Verini, *They Will Have to Die Now*, W.W. Norton & Co. 2019.

63. PR, Portsmouth, Agosto de 2019.

64. Esta possibilidade foi-me avançada por um analista americano, baseado num estudo da CIA de Maio de 2018. Af se dizia – com muitos pontos de interrogação – que Moscovo e Ancara podiam estar a planear uma nova organização de segurança, só não concretizada por oposição da Ucrânia, onde vive uma forte comunidade tártara expulsa da Crimeia, com forte apoio em Ancara.

65. Cf. P. Bergen, *Trump and his generals*, Penguin 2019, Daalder/Lindsay, *The Empty Throne*, Hachette 2018, J. Mattis, *Call Sign Chaos*, Random House 2019, G. Snodgrass, *Holding the Line*, Penguin 2019.

66. Uma das derrotas táticas do Pentágono, sob Mattis e Esper, deu-se em torno da aquisição por Ancara do S-400 russo, conhecido como *Triumpf*, feito pela firma Almaz-Antey. Assisti a várias peripécias da negociação. Os turcos queriam um sistema moderno de defesa aérea que pudesse identificar e seguir vários alvos, e empenhar-se simultaneamente contra os mesmos. Precisava de mísseis de longo alcance, que lhe dessem auto-suficiência face a aviões de última geração, equipados com contramedidas e também com armas guiadas, com alcance para além do horizonte visual. Optaram pelo equipamento russo porque afirmam que os EUA nunca quiseram verdadeiramente vender o equivalente *Patriot PAC-3*, em quantidades suficientes. Com o novo míssil *40N6E*, o sistema S-400 pode destruir um alvo a quase 400 km de distância. Os mísseis russos estão instalados em baterias móveis em Alemdag-Istambul, Murted-Ancara, Akinci-Ancara, Bilercik-Sanliurfa e Anamur-Mersin, cobrindo 90% do território turco.

67. G. Allison, *Destined for War: Can America and China Escape Thucydides' Trap?*, Houghton Mifflin Harcourt 2017. Sobre o dilema tucididiano, cf. N. Rogeiro, *Tucidides: uma paternidade esquecida da teoria das relações internacionais e da análise política*, Separata Cultura – Revista de Historia e Teoria das Ideias – Vol XI (2.^a Série), Univ. Nova de Lisboa, 1999.

68. Cf. R. Heydarian, *The Indo-Pacific*, Springer 2019.

69. M. Rogers, *Investigative Report on the U.S. National Security Issues Posed by Chinese Telecommunications Companies Huawei and ZTE*, U.S. House of Representatives 112th Congress, Washington DC, 8 de Outubro de 2012.

70. Cf. B. Pancevski, «U.S. Officials Say Huawei Can Covertly Access Telecom Networks», *Wall Street Journal*, 14 Fevereiro de 2020.

71. A última acusação à directora financeira Huawei de que tivemos notícia para este volume deu-se em 13 de Fevereiro de 2020, no Tribunal de Distrito Leste de Nova Iorque, depois de deliberação de um júri. O procurador que assina o documento de 55 páginas é Richard P. Donoghue, sendo a acusação sustentada por mais dois funcionários superiores do departamento de lavagem de dinheiro e de contra-informações financeiras internacionais do Dept. de Justiça.

72. Cf. s.a., *Brussels Summit Declaration*, 11 de Julho de 2018, acessível em https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_156624.htm.

73. Os FGM-148 *Javelin* são consideradas as únicas armas de «dissuasão» fornecidas pelos EUA à Ucrânia. Possuem 5 km de alcance nos modelos mais recentes, uma ogiva explosiva de 8 quilos, são guiados por infravermelhos e considerados «extremamente precisos». Os ucranianos

receberam, até ao começo de 2020, cerca de 50 lançadores e à volta de 500 mísseis. Mas precisariam de pelo menos 10 vezes essa quantidade, dizem-me fontes de Kyiv.

74. Cf. O. Boyd-Barrett, *RussiaGate and Propaganda*, Routledge 2019, S. Cohen, *War with Russia?*, Simon & Schuster 2018, R. Kaufer, *Les Hommes du Président*, Place des Éditeurs 2018, M. Urban, *The Skripal Files*, Pan McMillan 2018.

75. A. Marrow, T. Balmforth, «New U.S. Envoy Tells Russia to 'End Nightmare' for Jailed Ex-Marine», em *Moscow Times*, Moscovo, 31 Janeiro de 2020.

76. «Mystery man in the middle of Trump-Kim summit planning has become a fascination», em *The Straits Times*, 18 de Maio de 2018, service do Washington Post, acessível em <https://www.straitstimes.com/asia/east-asia/mystery-man-in-the-middle-of-trump-kim-summit-planning-has-become-a-fascination>.

77. Cf. F. Fleitz, *The Coming North Korea Nuclear Nightmare*, CreateSpace IPF 2018, V. Jackson, *On the Brink*, Cambridge Univ. Press 2018.

78. Sobre o problema geral das relações entre Pyongyang, Seul e Washington, desde 1953, cf. R. Clough, *Embattled Korea*, Routledge 2019, A. Fifield, *The Great Successor*, Hachette UK 2019, G. Ford, *Talking to North Korea*, Pluto Press 2018, Gartner/Buser, *Rocket Man*, Chiron Pub. 2018, C. Lee, *The Hermit King*, St. Martin's 2019, Malovic/Morillot, *Le Monde selon Kim Jong-Un*, R. Laffont 2018, L. Napoleoni, *Kim Jong-un il nemico necessario*, Rizzoli Ed. 2018, J. Pak, *The Education of Kim Jong Un*, Brookings 2018, R. Pardo, *North Korea-US Relations*, Routledge 2019, K. Park, *Trump, Kim Jong-un, Panmunjom UNHQ*, Ji Tianpu Ed. 2018.

79. Cf. N. Rogeiro, *O Pacto Donald*, *op. cit.*

80. A intervenção está registada em <https://www.youtube.com/watch?v=4glfwiMXgwQ>.

81. A mesma promessa de aumento orçamental para a defesa está em https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_112964.htm.

82. Cf. J. Mattis, *op. cit.*

83. Cf. J. Judson, «Fighting the bureaucracy: For NATO, the Defender 2020 exercise in Europe will test interoperability», em *DefenseNews*, 14 de Outubro de 2019, acessível em <https://www.defensenews.com/digital-show-dailies/ausa/2019/10/11/fighting-the-bureaucracy-for-nato-the-defender-2020-exercise-in-europe-will-test-interoperability/>.

84. Acessível em <https://www.economist.com/europe/2019/11/07/emmanuel-macron-in-his-own-words-english>.

85. Cf., sobre o problema das «mortes planeadas», K. Grayson, *Cultural Politics of Targeted Killing: On Drones, Counter-Insurgency, and Violence*, Routledge 2016, P. Kornbluh, *Bay of Pigs Declassified: The Secret CIA Report on the Invasion of Cuba*, New Press 1998, N. Meltzer, *Targeted Killing in International Law*, Oxford University Press 2008, K. Mueller, e.a., *Striking First: Preemptive and Preventive Attack in U.S. National Security Policy*, Rand Corp. 2006, S. Shane, *Objective Troy: A Terrorist, a President, and the Rise of the Drone*, Crown 2015, J. Stanick, *El Dorado Canyon: Reagan's Undeclared War with Qaddafi*, Naval Institute Press 2017, L. Wright, *The Looming Tower*, Penguin UK 2014.

86. Uma explicação detalhada da operação está em J. Meacham, N. Rogeiro, e.a., *Para Além de Bin Laden*, D. Quixote 2011.

87. Com base em informações impecáveis de um serviço do Médio Oriente, o «Leste Oeste», na SIC Notícias, foi o primeiro veículo noticioso a pormenorizar a identidade e currículo do novo «Califa». Nome real: Amir Muhammad Said Abdal-Rahman al-Mawla. Nomes supostos: Hajj Abdullah, Abu Qardash, Alsyd («O Mestre») e Almudamir («O Destruidor»). Data de Nascimento: Dezembro de 1973. País de nascimento: Iraque. Local de nascimento: Tal Afar, distrito de Mossul, província de Ninive. Etnia: turcomana. Ascendência remota: tribo Quraysh (Meca, Arábia Saudita), «Ahal al-Bayt» (família do Profeta), clã Banu Hashim. Educação: Diploma de Estudos Religiosos do Colégio do Imã Al-Numani, Mossul. Organizações a que pertenceu: Al-Qaeda no Iraque, até 2005, «Estado Islâmico do Iraque e do Levante (Síria)», desde 2013. Posto obtido no regime iraquiano: Agente do SII, Directório 4, sob direcção de Mohamed Yasin Al Shamari, até 2003. Posição no «Jihadismo»: Juiz da Sharia (Al-Qaeda no Iraque), Vice-Chefe do Comité de Delegados (EIIL). Filho: Ibrahim, e alegadamente mais três.

88. N. Rogeiro, *O Inimigo Público*, Gradiva 2002.

89. Sobre a política anti/contraterrorista americana, há uma larga bibliografia. Indicam-se aqui apenas algumas obras mais recentes. Cf. D. Alati, *Domestic Counter-Terrorism in a Global World*, Taylor & Francis 2017, L. Cutler, *President Obama's Counterterrorism Strategy in the War on Terror*, Springer 2017, A. O'Day, *War on Terrorism*, Routledge 2017, Kraft/Marks, *U.S. Government Counterterrorism: A Guide to Who Does What*, CRC Press 2016, G. Martin, *Understanding Terrorism*, SAGE Pub. 2017, M. Sageman, *Misunderstanding Terrorism*, Univ. of Pennsylvania Press 2017, S. Tankel, *With Us and Against Us: How America's Partners Help and Hinder the War on Terror*, Columbia University Press 2018.

90. Cf. Report on the Legal And Policy Frameworks Guiding The United States' Use of Military Force and Related National Security Operations, Washington DC, Dezembro de 2016. O documento justificava as acções por aeronaves sem ocupantes, mas colocava várias restrições, como a necessidade de provar a presença do alvo, de evitar vítimas civis, de tentar primeiro a captura, de avisar preventivamente os colaterais, etc.; o documento é acessível em https://www.justsecurity.org/wp-content/uploads/2016/12/framework.Report_Final.pdf.

91. Cf. s.a., «Designation of the Islamic Revolutionary Guard Corps», Washington DC, 8 de Abril de 2019. Documento acessível em <https://www.state.gov/designation-of-the-islamic-revolutionary-guard-corps/>.

92. Embora não haja números absolutos, calcula-se que nos mandatos Obama se deram pelo menos 542 ataques por drone contra suspeitos de terrorismo, com 3797 mortos, incluindo 324 a 500 civis. Cf., para uma perspectiva muito crítica, os cinco artigos de K. Gosztoła sobre o assunto, p.ex., «Obama's legacy: institutionalizing assassination complex for any president to play judge, jury, and executioner», em *Shadow Proof*, 12 de Dezembro de 2016, acessível em <https://shadowproof.com/2016/12/12/obamas-legacy-institutionalizing-assassination-complex-for-any-president-to-play-judge-jury-and-executioner/>.

93. Cf. A. Atwan, *The Secret History of Al Qaeda*, University of California Press, 2008, T. Hoffmann, *Al Qaeda Declares War*, ForeEdge 2014, J. Goldman, *The War on Terror Encyclopedia: From the Rise of Al-Qaeda to 9/11 and Beyond*, AC CLIO 2014.

94. Cf. A. Horton, «Soleimani's legacy: The gruesome, high-tech IEDs that haunted US troops in Iraq», *Washington Post*, 3 de Janeiro de 2020. Entre 2005 e 2011, estas armas terríveis mataram 196 soldados americanos no Iraque, e feriram 900, muitos com amputações graves.

95. Para uma boa síntese das diversas justificações do ataque, cf. R. Pickrell, «The Trump administration is struggling to explain why the US killed top Iranian general Soleimani – here’s all the shifting explanations», em *Business Insider*, 13 de Janeiro de 2020.

96. Sobre a ascensão de Osama no Afeganistão, a primeira história global da Al-Qaeda é N. Rogeiro, *O Inimigo Público: Bin Laden, Carl Schmitt e o Terrorismo Pós-Moderno*, Gradiva 2002. Um filme que detalha as operações de informações e forças especiais contra Osama é *Zero Dark Thirty*, de Katherin Bigelow (2012). Reporta-se sobretudo à eliminação do líder da AQ, mas dá uma boa visão inicial sobre a essência do problema.

97. Cf. K. Amadeo, «Afghanistan War Cost, Timeline, and Economic Impact», em *The Balance*, 15 de Junho de 2019, acessível em <https://www.thebalance.com/cost-of-afghanistan-war-timeline-economic-impact-4122493>.

98. Alguns filmes internacionais sobre o Afeganistão pós-2001: *Brothers* (2004), *Dear John* (2010), *Afghan Luke* (2011), *The Patrol* (2013), *Lone Survivor* (2013), *Kajaki* (2014), *A War* (2015), *Hyena Road* (2015), *12 Strong* (2018), *Red Snow* (2019). Um bom filme sobre o Afeganistão na literatura e no cinema é A. Ivanchikova, *Imagining Afghanistan*, Purdue Univ. Press 2019.

99. Cf. D. J. Trump, *Time to Get Tough*, Regnery Pub. 2011, e *Crippled America*, Simon & Schuster 2015.

100. Sobre a política de Trump no Afeganistão, cf. P. Berger, *Trump and His Generals*, Penguin 2019, S. Dorani, *America in Afghanistan*, Bloomsbury 2019, J. Mattis, *Call Sign Chaos*, Random House 2019, G. Snodgrass, *Holding the Line*, Penguin 2019.

101. H., Doha, Outubro de 2019.

102. Sobre as facções diversas dentro dos talibás, cf. A. Giustozzi, *The Taliban at War*, Oxford University Press 2019.

103. Que viria a receber, no fim de 2019, o Prémio de Diplomata do Ano, atribuído por uma entidade do Departamento de Estado, em Washington.

104. Cf., para uma análise hostil ao chavismo, Blanco e.a., *Cubazuela*, FHRC 2019L. Marquez, *SOS Venezuela*, Ed. Alfa 2018, M. Suano, *Como Destruir um País*, Citadel Grupo Ed., 2019. Para uma denúncia do papel do «imperialismo ianque» no país, D. Kovalik, *The Plot to Overthrow Venezuela*, Simon and Schuster 2019, A. MacLeod, *Bad News from Venezuela*, Routledge 2018, A. Tirado, *Venezuela: Más allá de mentiras y mitos*, ED. AKAL 2019. Para análises mais desprendidas, K. Norman, *A Hero’s Curse: The Perpetual Liberation of Venezuela*, Oxford University Press 2017, A. Mallém, G. Guedilla, *Venezuela’s Polarized Politics: The Paradox of Direct Democracy Under Chávez*, ForstForum Press 2017.

105. Cf., s.a., «Guaidó: A transição é importante para existir o direito de eleger e de ser eleito», em *Diário de Notícias*, Lisboa, 27 de Maio de 2019. Acessível em <https://www.dn.pt/mundo/guaido-a-transicao-e-importante-para-existir-o-direito-de-eleger-e-de-ser-eleito-10948406.html>.

106. Sobre as ideias em torno do muro, e os problemas que traduziam, cf. C. Alvarez, *Border Land, Border Water*, Univ. of Texas Press 2019, Davis/Shear, *Border Wars*, Simon & Schuster 2018, M. Gitlin, *The Border Wall With Mexico*, Greenhaven 2017, R. Rael, *Borderwall as Architecture*, Univ. of California Press 2017, I. Volner, *The Great Great Wall*, Abrams 2019.

107. A conferência está acessível em <https://youtu.be/KsPLmb6gAdw>.

108. Sobre os planos originais do *Space Command*, cf. R. Handberg, *Seeking New World Vistas: The Militarization of Space*, Greenwood Pub. Group 2000, USSC, *Long Range Plan: Implementing USSPACECOM Vision for 2020*, Washington DC 1998. Ainda Bormann/Sheehan, *Securing Outer Space*, Routledge 2009, J. Johnson-Freese, *Space as Strategic Asset*, Columbia 2007, S. Lambakis, *On the Edge of Earth*, Univ. Press of Kentucky 2013, Meese/Nielsen/Sondheimer, *American National Security*, JHU Press 2018, K. Nair, *Space: The Frontiers of Modern Defence*, KnowledgeWorld 2006, E. Seedhouse, *The New Space Race: China vs. USA*, Springer 2010, R. Tripp e.a., *Space Command Sustainment Review*, Rand Corp. 2007, Wong/Fergusson, *Military Space Power*, ABC-CLIO 2010. Uma visão crítica e irónica é J. Robinson, *Space Force*, Breakneck Media 2018.
109. Cf. C. Djonis, *It's the Economy, stupid!*, Page Pub. 2018.
110. Cf. N. Rogeiro, *A Corda do Enforcado: Análise Política das Crises*, D. Quixote 2013.
111. Cf. S. B. Born, e.a., *A Stable Genius?*, CEPR 2019, Moore, A. Laffer, *Trumponomics*, St. Martins Pub. 2018, N. Sargen, *Investing in the Trump Era*, Springer 2018.
112. Cf. «President Trump Job Approval – Economy», em RealClearPolitics, acessível em https://www.realclearpolitics.com/epolls/other/president_trump_job_approval_economy-6182.html#polls.
113. V. Valli, *The American Economy from Roosevelt to Trump*, Springer 2018.
114. Cf. N. Rogeiro, *Constituição dos EUA – Anotada e Seguida de Estudo sobre o Sistema Constitucional dos EUA*, Gradiva 1993. Cf. na doutrina americana, F. Bowman III, *High Crimes and Misdemeanors: A History of Impeachment for the Age of Trump*, Cambridge Univ. Press 2019. Sobre a ligação entre a Comissão Mueller e o impeachment, cf. *How The Mueller Report Led To The Trump Impeachment: Impeachment and The Muller Effect*, edição do autor 2020.
115. *The Manchurian Candidate* foi um filme com duas versões: a de 1962, realizada por John Frankenheimer, e a de 2004, dirigida por Jonathan Demme. O romance de base foi escrito em 1959, por Richard Condon.
116. USDoJ, R. Mueller, *The Mueller Report: Report On The Investigation Into Russian Interference In The 2016 Presidential Election*, Washington DC 2019.
117. Sobre Durham, o seu currículo e reputação de magistrado do Ministério Público independente, competente e incorruptível, cf. J. Geraghty, «The Last Trusted Prosecutor in Washington», em *National Review*, 4 de Novembro de 2019, acessível em <https://www.nationalreview.com/2019/11/john-durham-last-trusted-prosecutor-in-washington/>.
118. Em vez de um longo rol apresentado por alguns dos acusadores, que queriam juntar «corrupção activa e passiva», «chantagem», «peculato», «traição», «perjúrio», e «obstrução aos tribunais», entre outros delitos.
119. A estatística SurveyMonkey Audience era a de que, após a absolvição no Senado, 44% estavam contra o resultado «de alguma maneira», enquanto que 33% ficavam a favor. O Departamento de Sondagens da Universidade de Monmouth, ao contrário, mostrava numa consulta que 49% dos inquiridos estavam a favor da absolvição, contra 47% contra. E embora 58% achassem que o processo no Senado não tinha sido «justo», 52% queriam que não houvesse mais investigações, e se colocasse uma pedra sobre todo o caso. Já a sondagem Reuters/Ipsos indicava também uma maioria a favor da absolvição: 43 contra 41%. Mas 48% achavam «que o Presidente tem provavelmente culpas, e o Senado tentou escondê-las». Numa sondagem Quinnipiac, dava-se um

empate: 49% de cada lado, a favor e contra a absolvição. Mas a mesma amostra dizia que 50% não tinham receio de que Trump pudesse beneficiar de ajuda externa nas próximas presidenciais, contra 47%. Por fim, a mesma sondagem mostrava que, por 55% contra 40, os respondentes achavam que a absolvição no Senado não limpava Trump de todas as acusações. E, no fim do processo, Trump tinha a maior taxa de aprovação desde 2017: 49%, segundo uma sondagem Hill/HarrisX. 50% desaprovavam e 1% não tinha a certeza sobre o que dizer. Já a Gallup mostrava, logo a seguir à absolvição, que o apoio a Trump entre republicanos (94%) e independentes (42%) aumentava, se bem que diminuísse entre democratas (7%).

120. O *impeachment* foi pura e simplesmente um confronto partidário. Cf., a favor da impugnação, Katyal/Koppelman, *Impeach: The Case Against Donald Trump*, Houghton Mifflin Harcourt 2019, e contra, A. Dershowitz, *The Case Against Impeaching Trump*, Simon & Schuster 2019.